



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

DENISCATIA GOMES MOTTA

**O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA LEITURA NO
COMEÇO DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

LONDRINA
2009

DENISCATIA GOMES MOTTA

**O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA LEITURA NO
COMEÇO DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Pedagogia da
Universidade Estadual de Londrina.

Orientador: Prof. Juarez Gomes.

LONDRINA
2009

DENISCATIA GOMES MOTTA

**O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA LEITURA NO COMEÇO DOS
ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Pedagogia da
Universidade Estadual de Londrina.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Juarez Gomes
Universidade Estadual de Londrina

Prof^a. Magda Madalena Tuma
Universidade Estadual de Londrina

Prof^a. Heloisa Toshie Irie Saito
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, ____ de ____ de ____.

Este trabalho é dedicado primeiramente à minha família, meu marido Lourival, meus filhos Daniel e Rafaela, que me apoiaram durante todos esses anos de estudo.

Dedico também aos meus pais por seus preciosos ensinamentos e por terem me ajudado a chegar até aqui.

E também a todos os amigos e professores que me ajudaram.

MOTTA, Deniscatia Gomes. **O processo de aprendizagem da leitura no começo dos anos iniciais do ensino fundamental**. 2009. 48 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009.

RESUMO

Este trabalho teve como tema a aprendizagem da leitura da escrita nos anos iniciais do ensino fundamental. O problema levantado foi, pesquisar como acontece o processo de aprendizagem da leitura da escrita pelas crianças? O objetivo geral que se pretendeu alcançar neste trabalho foi refletir sobre a aprendizagem da leitura no início da escolarização. Os objetivos específicos foram: analisar a importância da aprendizagem da leitura da escrita no começo dos anos iniciais; apresentar pesquisas relacionadas ao tema em questão; discutir a respeito das dificuldades das crianças durante a aprendizagem da leitura da escrita. Aprender a ler é uma tarefa complexa e difícil para todas as crianças, porém algumas encontram mais dificuldades do que outras. É importante que tais dificuldades sejam investigadas e tratadas para que possam ser superadas. A escola é o lugar destinado para que se aprenda a ler formalmente, mas a família também tem um papel importante nesse processo, que é incentivar o gosto pela leitura. Se a família, por diversos motivos, não consegue desempenhar esse papel, cabe à escola proporcionar as oportunidades que a criança necessita para desenvolver sua habilidade de leitura. Para atingir os objetivos propostos foi realizada uma pesquisa bibliográfica com levantamento do referencial teórico, leitura das obras e registro das partes pertinentes a este trabalho. Em seguida o levantamento de cinco artigos relacionados ao tema. Depois foram feitas reflexões de duas obras do referencial teórico, que tratam do conceito de leitura e das dificuldades na aprendizagem da leitura. A pesquisa mostrou que, para aprender a ler, a criança precisa aprender a decodificar, mas não é só isso, ela deve aprender a interpretar o texto lido e a fazer uso desses conhecimentos na sua vida cotidiana.

Palavras-chave: Leitura. Aprendizagem. Ensino Fundamental. Anos Iniciais.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO 1 - BREVE HISTÓRICO SOBRE A IMPORTÂNCIA DO PROCESSO DE LEITURA NA ESCOLA	10
1.1 APRENDIZAGEM DA LEITURA E A CRIANÇA	11
CAPÍTULO 2 - CINCO ESTUDOS QUE REFORÇAM A IMPORTÂNCIA DO PRESENTE TRABALHO	22
ARTIGO 1 - A ESCOLA E O ENSINO DA LEITURA	22
Artigo 2 - ESCALA DE ESTRATÉGIAS De Leitura Para Etapa Inicial Do Ensino Fundamental	24
ARTIGO 3 - O PERFIL DOS PROFESSORES LEITORES DAS SÉRIES INICIAIS E A PRÁTICA DE LEITURA EM SALA DE AULA.....	25
ARTIGO 4 - AVALIAÇÃO DA LEITURA E ESCRITA DE PALAVRAS EM CRIANÇAS DE 2ª SÉRIE: ABORDAGEM NEUROPSICOLÓGICA COGNITIVA	27
ARTIGO 5 - O CONHECIMENTO DE PROFESSORES DE 1ª A 4ª SÉRIE QUANTO AOS DISTÚRBIOS DE LEITURA E ESCRITA	29
CAPÍTULO 3 - REFLEXÕES SOBRE O TEMA DA LEITURA DA ESCRITA	32
3.1 O QUE É LEITURA	32
3.2 DIFICULDADES DE APRENDIZAGENS DA LEITURA: TEORIA E PRÁTICA	38
3.2.1 O Desenvolvimento da Habilidade de Leitura e Escrita.....	41
3.2.2 Questões Práticas sobre as Dificuldades de Aprendizagem da Leitura da escrita	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	47

INTRODUÇÃO

Quando se fala em leitura pensa-se logo em um livro, uma revista ou um jornal, mas a leitura é mais abrangente e envolve todos os sentidos. Na verdade a necessidade de ler está presente em todos os momentos da nossa vida. Segundo Martins (2006, p. 11), desde que nascemos fazemos a leitura das coisas e das pessoas que nos cercam.

Neste trabalho foram feitas reflexões em torno do tema, a aprendizagem da leitura no começo dos anos iniciais do ensino fundamental. A aprendizagem da leitura da escrita pelas crianças é um processo difícil, mas precisa ser atingido, pois a leitura da escrita é uma das bases do ensino escolar.

Quando a criança entra na escola ela se depara com a necessidade de aprender a ler formalmente; aí começam a surgir as dúvidas, as questões e incertezas. Porque a leitura da escrita é mais uma forma de ler o mundo, e claro, é também uma convenção social cheia de regras difíceis para a criança assimilar.

A leitura da escrita é um objeto de conhecimento que pode ser construído pela criança. Para isso, ela utiliza algumas estratégias que auxiliam na internalização dessa aprendizagem. E a partir desse conhecimento ela deve adquirir, desde cedo, a capacidade de interpretar os textos lidos e também desenvolver ou reforçar o gosto pela leitura. Dentro deste conceito o trabalho pretende responder à seguinte questão: **Como acontece o processo de aprendizagem da leitura da escrita pelas crianças?** Todas as crianças aprendem de modo igual e ao mesmo tempo a ler formalmente? Como a criança constrói o conhecimento da leitura? E como ela adquire o gosto e o hábito de ler?

O interesse por esse tema surgiu em uma palestra que foi ministrada na XXII Semana da Educação na Unifil (Centro Universitário Filadélfia) pelo Prof. Dr. Rovilson José da Silva, sobre o tema: Leitura “Mediação e Mediadores”, a qual proporcionou o conhecimento de aspectos até então desconhecidos e instigados para a escolha deste tema. Um outro motivo foi o fato de a autora do trabalho ter encontrado muitas dificuldades no processo de alfabetização, em especial na aprendizagem da leitura.

Outro fato que reforçou o interesse pelo tema da aprendizagem da leitura nos anos iniciais do ensino fundamental foi que, em observações feitas

durante estágio obrigatório em uma turma de segunda série do ensino fundamental, ela percebeu que algumas crianças conseguiram aprender a ler com mais facilidade e outras não conseguiam ou apresentavam um atraso significativo em relação às colegas.

Partindo do levantamento de um referencial teórico, o trabalho pretende oferecer elementos para uma ampliação da análise e reflexão sobre o tema, com o objetivo de contribuir para o enriquecimento dos estudos da aprendizagem da leitura pelas crianças e de outras pesquisas que possivelmente possam surgir.

É importante haver estudos sobre a aprendizagem da leitura da escrita, para ampliar o entendimento do processo pelo qual a criança passa para aprender a ler, é importante também conhecer as dificuldades e os problemas que ela enfrenta. Essa aprendizagem se dá de várias maneiras e em diversos lugares, mas é na escola que a criança entra em contato com o conhecimento sistematizado necessário para ampliação do exercício da cidadania.

A criança é capaz de captar e entender o mundo que a rodeia; mesmo não sabendo decodificar as letras, ela faz suas próprias leituras de mundo a partir de suas experiências de vida. Ela consegue emitir sua opinião sobre determinado assunto, desde que seja conhecido por ela.

Em se tratando de ter sua relevância social, existe a necessidade de formar cidadãos participativos que possam contribuir para uma transformação da nossa sociedade. E a leitura formal proporciona a reflexão e discussão de diferentes textos fazendo com que os alunos ampliem sua visão de mundo e discutam, dentro das suas possibilidades, maneiras de solucionar os problemas encontrados pela comunidade. Assim é necessário contribuir para a formação dessas crianças que serão adultos mais esclarecidos e socialmente participativos.

O objetivo geral que se pretendeu alcançar neste trabalho foi conhecer o processo de aquisição da leitura no começo dos anos iniciais do ensino fundamental. Os objetivos específicos foram: analisar a importância da aprendizagem da leitura no começo dos anos iniciais do ensino fundamental; apresentar pesquisas relacionadas à aprendizagem da leitura no começo dos anos iniciais do ensino fundamental; discutir a respeito das dificuldades das crianças durante a aprendizagem da leitura da escrita.

Para alcançar os objetivos propostos, primeiramente foi realizada uma pesquisa bibliográfica, reunindo-se autores que discutem sobre a aprendizagem da leitura da escrita. Então foi feita a leitura dessas obras, o registro e a reflexão das partes relevantes para responder às questões levantadas neste trabalho.

Depois foi feito um levantamento no portal Scielo de cinco artigos relacionados com o tema: aprendizagem da leitura no começo dos anos iniciais do ensino fundamental, após o que foi feita análise interpretativa desses artigos.

Em seguida foram feitos apontamentos e reflexões de duas obras do referencial teórico, a saber, “O que é leitura” de Maria Helena Martins (2006) e “Dificuldades de aprendizagem da leitura: teoria e prática” de Terezinha Nunes, Lair Buarque e Peter Bryant (1992).

Nas considerações finais refletiu-se acerca da aprendizagem da leitura da escrita pelas crianças, de acordo com os textos estudados. A pesquisa mostrou que, para aprender a ler, o aluno precisa aprender a decodificar, mas também, deve aprender a fazer uso desses conhecimentos na sua vida social, para que se perceba inserido no mundo letrado e se transforme de simples decodificador em bom leitor.

No processo de aprendizagem da leitura formal pelas crianças, precisam ser valorizados os conhecimentos que elas trazem e que foram adquiridos antes mesmo de iniciarem a aprendizagem escolar, mediante as experiências da vida. Se o assunto estudado for conhecido da criança, ela se sente mais segura para aprender, mas se não traz relação com a vida a aprendizagem será mais difícil. Pois, para Barbosa (1991, p. 119), “se o assunto é pouco familiar ao leitor, a leitura se torna lenta, dificultando a compreensão”.

É importante que se leia com e para a criança a fim de incentivá-la a ter gosto pela leitura. Ao se ensinar a leitura da escrita no começo do ensino fundamental, deve-se oferecer à criança leituras simples e que lhes sejam prazerosas, como livros infantis, gibis, revistas, entre outros.

Este trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro traz o levantamento teórico que discute, de maneira geral, a questão da leitura, o que ela é, qual a sua importância, e como se aprende a ler formalmente e a adquirir o gosto pela leitura da escrita. No segundo capítulo, é apresentado um estudo com cinco pesquisas recentes que tratam do assunto da aprendizagem da leitura no ensino fundamental. O terceiro capítulo traz o levantamento das reflexões de duas obras do

referencial teórico que abordam o conceito de leitura e as dificuldades na aprendizagem da leitura da escrita.

CAPÍTULO 1

BREVE HISTÓRICO SOBRE A IMPORTÂNCIA DO PROCESSO DE LEITURA NA ESCOLA

A leitura é uma construção humana, que teve início a partir da necessidade que os homens sentiram de transmitir os conhecimentos produzidos historicamente pela humanidade, para que as novas gerações pudessem ter acesso a eles. Mas a leitura da escrita, inicialmente, não chega a todas as camadas da sociedade.

De acordo com Barbosa (1991, p. 96), até o final do século XVIII, a maioria das pessoas não tinha acesso aos livros devido ao seu elevado preço. Somente os nobres e o clero tinham contato com materiais escritos. Os livros eram como verdadeiras obras de arte, feitos artesanalmente. Devido ao tempo que se levava para concluí-los, seus exemplares circulavam em um número reduzido. Eram tão belos e caprichados que os leitores passavam algum tempo apenas admirando a capa, os desenhos, cada detalhe, para depois começarem a leitura.

Com a Reforma Protestante, encabeçada por Martinho Lutero, inicia-se um esforço de levar a leitura a todas as pessoas, inclusive aos mais pobres. Nesse período, era importante aprender a ler para que cada um fizesse sua leitura da Bíblia, sem a necessidade de ouvi-la lida por outros. Sentiu-se a necessidade de ensinar também as crianças. Para isso era necessário utilizar métodos de ensino que facilitassem a aprendizagem dos pequenos. No século XVII, de acordo com Aranha (1996), Comênio se preocupava em tornar a educação eficaz e atraente, a fim de chamar a atenção da criança para o objeto em estudo, o ponto de partida da aprendizagem é sempre o conhecido, indo do simples para o complexo.

Nesse período, como nos mostra Barbosa (1991), foi inventada a imprensa em 1455 por Gutenberg, o que veio facilitar, e muito, a circulação dos materiais escritos entre a população mais pobre. A partir daí, a vontade e, principalmente, a necessidade de aprender a ler foi crescendo cada vez mais. A leitura começa então a fazer parte da vida das pessoas, máxime nos espaços urbanos, onde tudo parece girar em torno da leitura. Materiais que fazem parte da vida diária das pessoas como jornais, periódicos, cartazes publicitários, rótulos,

embalagens, letreiros luminosos, entre outros, incentivam o exercício cotidiano da leitura das palavras e também das imagens.

1.1 A APRENDIZAGEM DA LEITURA E A CRIANÇA

A leitura da escrita passa a ser um dos fundamentos da educação escolar. Por isso, a aprendizagem deve acontecer nas primeiras séries do ensino fundamental. Segundo Barbosa (1991, p. 46), para aprender a ler, a criança tem de estabelecer uma correspondência entre som e grafia. Esta correspondência é a base da leitura. Ou seja, a criança aprende a ler oralizando a escrita.

Antigamente, a preocupação era com a decifração dos símbolos. A criança tinha apenas que reconhecer as letras, sílabas e palavras; não havia preocupação com a compreensão do texto que estava sendo lido. Em compensação, hoje em dia isto não é considerado leitura, porque ler não é apenas decifrar códigos escritos, mas sim interpretar o que se lê. Porém, a decifração dos símbolos é um passo preliminar, visto que, sem ele, não seria possível a interpretação.

Nas teorias de Piaget, o conhecimento se desenvolve quando as crianças fazem assimilações e acomodações das suas experiências. No caso da leitura, as crianças assimilam os conhecimentos sobre leitura, fazem a interação com os conhecimentos que já tinham e acomodam seus próprios conhecimentos. Nessas teorias, as dimensões cognitiva e afetiva desempenham papéis-chave no desenvolvimento intelectual. A aprendizagem vai depender tanto do aspecto intelectual quanto do afetivo da criança. Se ela não estiver bem emocionalmente a aprendizagem pode não acontecer satisfatoriamente.

Ainda de acordo com a teoria piagetiana, na aprendizagem da leitura o conteúdo das atividades deve ser muito significativo para a criança, de maneira que ela se identifique com o que lê e sinta-se motivada a praticar a leitura da escrita, aperfeiçoando cada vez mais essa aprendizagem. O emprego dos interesses infantis na atividade educacional garante uma aprendizagem consistente e duradoura.

A leitura da escrita é um dos conteúdos básicos da educação escolar; através dela nos apropriamos dos bens culturais produzidos historicamente

pela humanidade. E é na escola que se dá a apropriação desse conhecimento. Mas não é somente na escola que a criança aprende a ler. A família também tem um importante papel nessa aprendizagem. De acordo com Bamberger (1995, p. 92), o hábito e o gosto pela leitura é um processo constante que começa no lar com a família e com os amigos, aperfeiçoa-se na escola e continua por toda a vida. Conversar com a criança sobre uma notícia de jornal ou sobre uma história que lhe foi contada, por exemplo, é um procedimento que pode ajudar nesse processo. De acordo com o mesmo autor, se a criança presencia situações de leitura em casa, ela poderá ter maiores chances de obter sucesso durante a aprendizagem escolar.

Como sabemos, ninguém nasce lendo, a leitura da escrita é uma construção social; surgiu a partir da necessidade. Todas as pessoas precisam aprender a ler e “modernamente, a escola é a principal responsável pelo ensino do ler e escrever” (SILVA, 2002, p. 42). Logo que entram na escola as crianças começam a ter um contato mais direto com a leitura sistematizada, seja folheando livros de história e revistas, seja observando a professora escrever no quadro, ou seja, ainda, ouvindo a contação de alguma história.

Essa leitura que se aprende na escola é diferente da leitura que a criança está acostumada a fazer no seu dia-a-dia, ocasião em que ela lê e interpreta as imagens que estão a sua volta. É importante também que a criança tenha experiências de leitura em outros ambientes além da escola, pois isso contribui para aprimorar a aprendizagem escolar. De acordo com Barbosa (1991, p. 119), “é lendo que a criança aprende a ler”. Quanto mais ela pratica, melhor vai ficando sua leitura da escrita e o hábito e o gosto de ler vão se solidificando.

Para que a leitura da escrita se torne um hábito, ela deve ser também fonte de prazer, e nunca uma atividade obrigatória, cercada de ameaças e castigos e encarada como uma imposição do mundo adulto. Assim para se tornar um bom leitor é preciso gostar de ler. A criança precisa ter acesso a leituras que chamem a sua atenção e que esteja de acordo com a sua idade.

Aprender a ler é um processo muito rico, mas que também pode ser um pouco difícil para algumas crianças, isso por diversos motivos, como, por exemplo, a falta de incentivo e de auxílio no período da aprendizagem. Esse processo de aprendizagem depende dos aspectos cognitivos, emocionais e sociais, que precisam estar em harmonia para que ela aconteça. Exige um envolvimento tanto da criança quanto da sua família e da escola, necessário para incentivar o

hábito da leitura. Se esse hábito se solidificar na infância, ele continuará a existir durante a vida, porque passou a fazer parte da vida do leitor.

Um outro aspecto que dificulta a aprendizagem da leitura, e no qual não nos aprofundaremos, é o fato de que algumas crianças sofrem de dislexia, um distúrbio que causa uma maior lentidão no processo de aprendizagem da leitura. De acordo com Nunes (1992, p. 10), as crianças disléxicas apresentam dificuldades na aprendizagem da leitura e da escrita muito maiores do que se esperaria em seu nível intelectual. A autora demonstra, ainda, que essas crianças, mesmo tendo todas as oportunidades de experiências de leitura, pais que as apóiam e capacidades intelectuais normais, demonstram progresso muito mais lento do que seus colegas da mesma idade e do mesmo nível intelectual.

As diferenças de aprendizagem entre uma criança disléxica e as outras podem ser, de acordo ainda com Nunes (1992, p. 11), quantitativas ou qualitativas. Para a autora, se as diferenças forem quantitativas os métodos usados para ensinar as outras crianças também podem ser usados com crianças disléxicas. Elas apenas precisam de mais atenção e de mais horas de ensino do que as outras. Mas, se as diferenças forem qualitativas, os métodos utilizados com as demais crianças podem não dar os resultados esperados com crianças disléxicas. Por isso os métodos de ensino poderão ser muito diferentes, devendo ser planejados em razão dos obstáculos encontrados pelas crianças em sua aprendizagem, visando sempre o sucesso da criança na aprendizagem da leitura.

Antes de começar a ler formalmente, a criança precisa reconhecer a utilização da leitura em vários contextos, ela precisa ser familiarizada com os suportes materiais de leitura, como livros, jornais, revistas, cartazes, gibis, listas de supermercado, receitas culinárias, bilhetes, etc., para que possa observar, questionar e explorar esses materiais e seus vários usos no mundo em que vive.

Para Terzi (2002, p. 14), “o fato de a criança estar inserida numa cultura letrada tem uma influência positiva em seu progresso em leitura nas primeiras séries escolares”. As crianças que vivem em ambientes onde os diversos tipos de leituras estão presentes, encontram maiores facilidades para aprender a ler, devido as suas experiências com o mundo letrado mesmo antes de entrar na escola, e levando-se em conta, também, que as crianças imitam os hábitos e comportamentos dos adultos que convivem com elas.

Mas, de acordo com o mesmo autor, isso não significa que crianças que não tiverem a mesma oportunidade não possam aprender a ler; elas só precisam que tais experiências lhes sejam proporcionadas visando o sucesso.

Para aprender a ler não é preciso ter nenhum talento ou dom especial, de acordo com Barbosa (1991, p. 136), nem muito dinheiro. Basta ter as condições necessárias que favoreçam esse aprendizado, que permitam, conforme o autor, a descoberta, pelas crianças, de que a leitura permite viver experiências pouco comuns no seu cotidiano, como a leitura de um texto, um livro, uma notícia de jornal, uma revista ou mesmo um gibi que lhe proporcionam sentimentos de alegria, tristeza, medo, angústia e encantamento.

Como nos mostra o mesmo autor, a leitura desperta sentimentos e emoções, ela é um exercício de memorização no início de sua aprendizagem, mas que deve fazer a criança pensar, refletir, analisar para que não fique apenas na reprodução vazia.

Algumas crianças, ao entrar na escola, encontram muitas dificuldades para aprender devido ao fato de não estarem acostumadas com a rotina escolar, diferente daquela a que ela estava acostumada até então. Na escola, a criança precisa ficar sentada a maior parte do tempo ouvindo a professora falar, muitas vezes sem relacionar os conteúdos com os interesses infantis. A criança fica desmotivada e pode acontecer que ela decida que não vale a pena o esforço dessa aprendizagem, criando, assim, uma barreira para o seu aprendizado.

Em relação a esse assunto, Paulo Freire (1986, p. 11) já considerava a necessidade de levar em consideração assuntos de interesse dos alunos, deixando claro que “a leitura que fazemos do mundo precede a leitura da palavra”. Quando a criança entra na escola, ela traz toda uma bagagem de coisas e conceitos aprendidos nas suas relações sociais, ela traz, ainda que restrita, sua própria visão de mundo. Para esse autor, o processo de alfabetização deveria privilegiar o universo de palavras dos alunos, deveria ter significado na experiência de vida do educando.

Um outro motivo, de acordo com Barbosa (1991, p. 135), que pode levar uma criança a não querer aprender a ler é o medo de enfrentar uma situação desconhecida, o receio de não ser capaz, o sentimento de não poder errar. Isso pode contribuir para que a criança desenvolva um bloqueio que também dificulta a

aprendizagem escolar. Por isso é importante incentivar a criança a ler e, com calma, sem criar tensões, buscar livros que possam interessar e serem lidos por ela.

A cobrança excessiva dos adultos também pode ser prejudicial, pois a criança precisa ter confiança em si mesma, saber que ela é capaz, sentir-se à vontade para aprender e entender que o erro faz parte da aprendizagem. Pois, “errar é condição para aprender (e para ler)” (BARBOSA 1991, p. 120). O apoio e o interesse da família e da escola nesse processo fazem com que a criança confie na sua capacidade de aprender e contribui para o seu progresso na aprendizagem da leitura da escrita. O aluno deve ser sempre visto como um ser capaz, que está em contínuo processo de desenvolvimento.

Cada criança tem um ritmo para aprender a ler; elas não aprendem todas ao mesmo tempo e é preciso identificar e respeitar o ritmo de cada uma para que haja uma boa aprendizagem. De acordo com Kato (1995, p. 32), a criança necessita de um tempo para apropriar-se dos mecanismos da leitura da escrita, assim como a humanidade desenvolveu o conhecimento da leitura formal gradativamente, ao longo dos séculos, a criança também precisa de tempo para aprender a ler, e esse processo deve ser respeitado de acordo com o desenvolvimento de cada uma em particular.

É importante que o desejo de ler esteja internalizado na criança. Ela precisa demonstrar interesse, ter vontade de ler não por obrigação, mas por prazer. De acordo com Bamberger (1995, p. 70), isso acontecerá se a criança encontrar modelos de bons leitores em seu meio, apresentados pelos pais ou professores, assim ela entenderá que ler é bom e prazeroso.

De acordo ainda com o mesmo autor, um ambiente onde a oralidade predomina e a leitura parece não fazer falta, pode gerar na criança o desinteresse pela leitura dificultando assim a aprendizagem. Se a leitura aparentemente não faz falta então por que aprender a ler? É preciso que a criança entenda o valor dessa aprendizagem, para que não desanime e não desista no decorrer do processo. A interação com diversos tipos de leitura ajuda o aluno a se motivar a aprender a leitura da escrita.

Em nossos dias valoriza-se muito o conhecimento prévio do aluno, suas experiências e sua visão de mundo e a aprendizagem pode iniciar-se a partir do conhecimento que a criança traz ao ingressar na escola. Mas é importante não ficar só no conhecimento do aluno, que serve como ponto de partida para outras

aprendizagens, como é o caso da leitura da escrita. A criança precisa se apropriar dos conhecimentos produzidos e sistematizados pela humanidade ao longo da história.

De acordo com Silva (2002, p. 34), “a alfabetização é uma condição necessária à formação do leitor [...]”. Para aprender a ler, a criança precisa decodificar os sinais gráficos e sonorizar as palavras escritas, relacionando a informação visual com o que ela tem na cabeça, ou seja, com seus conhecimentos. Como os conhecimentos de cada criança não são iguais, pois cada uma possui sua experiência de vida, essa aprendizagem pode acontecer de maneira diferente para cada criança, de modo que algumas aprendem mais rápido e outras mais devagar, mas nem por isso aprendem menos. Pois, como já se disse, cada criança tem o seu ritmo para aprender, e isso deve ser respeitado para que a aprendizagem realmente aconteça.

Como nos diz o mesmo autor: “Ler é, antes de tudo, compreender” (SILVA, 2002, p. 43), é interagir com o texto, é construir seu próprio conhecimento e esse exercício, que será usado por toda a vida, só pode ser feito depois de se ter aprendido a decifrar a escrita. Por isso é tão importante que a criança adquira a habilidade de ler logo nas primeiras séries do ensino fundamental, para que ela consiga, nos anos seguintes, garantir seu sucesso escolar, visto que, quando uma criança não é alfabetizada adequadamente, ela pode continuar tendo grandes dificuldades em aprender os diversos conteúdos escolares. Casos mais sérios podem levar até à repetência ou à evasão escolar.

A leitura faz parte de quase todos os segmentos da nossa vida, principalmente no meio urbano. Para obter sucesso é preciso fazer uso dela constantemente no trabalho, na escola, no lazer, ao fazer compras, ao ler recados, ou placas de trânsito, uma receita médica, a bula de um remédio, ou até mesmo ler um jornal, uma revista ou um livro para se distrair. Todas essas atividades exigem que o leitor compreenda o texto para que consiga captar aquilo que o autor quis dizer, para que possa se posicionar em relação às idéias encontradas no texto. De acordo com Silva (2002, p. 96), “A leitura deve ser geradora de novas experiências para o indivíduo”. A partir do momento em que o leitor começa a ‘dialogar’ com o texto ele passa a refletir sobre o mesmo, tornando-se um leitor mais crítico e ativo.

Como nos mostra o mesmo autor, (SILVA, 2002, p. 80), “O leitor crítico, movido por sua intencionalidade, desvela o significado pretendido pelo autor,

mas não permanece nesse nível, ele reage, questiona, problematiza, aprecia com criticidade”. Assim, o leitor crítico deve dialogar com o texto para construir significado, não no sentido de que deva conversar com um pedaço de papel, visto que o autor do texto dificilmente estará por perto para um debate cara-a-cara. Mas ele deve procurar compreender as mensagens registradas através da escrita, qual a intenção do autor, aonde ele quis chegar etc., para, a partir dessa reflexão, formar seus próprios conceitos e novos significados para o assunto em questão.

As crianças são naturalmente curiosas e essa curiosidade pode ser explorada na hora de aprenderem a ler, pois, de acordo com Martins (2006, p. 17), “o processo de aprendizagem da leitura evidencia a curiosidade se transformando em necessidade e esforço para alimentar o imaginário, desvendar os segredos do mundo e dar a conhecer o leitor a si mesmo através do que lê e como lê”. Como a curiosidade é uma característica natural da criança ela faz com que o aluno queira descobrir sempre mais. Aprender a ler exige esforço, mas também traz contentamento e satisfação quando a criança consegue sozinha desvendar os códigos da escrita que estão a sua frente.

Para que o aluno realmente compreenda o que lê é preciso que ele entenda o significado das palavras e consiga interpretar a leitura feita. Como todas as disciplinas escolares giram em torno da leitura, é preciso que as crianças, nos primeiros anos do ensino fundamental, adquiram um bom domínio da leitura da escrita, para que não tenham nenhum problema futuro com as diversas matérias escolares.

No caso da Matemática, por exemplo, matéria vista como complicada e muito difícil por algumas pessoas, para certos autores, a dificuldade se dá pela má interpretação dos conteúdos e situações-problema. As pessoas não conseguem entender o que leem nos exercícios e problemas matemáticos e acabam por não conseguir resolvê-los, o que reforça a idéia de que a matemática é para poucos privilegiados.

Para Carrasco (2007), ler e compreender os conteúdos matemáticos é essencial para sua aprendizagem. A autora fala também que uma das soluções seria ajudar as pessoas a dominarem as ferramentas da leitura para compreenderem os significados dos símbolos matemáticos e conseguirem interpretar o que está escrito. Por isso a importância de garantir que as crianças,

logo nas primeiras séries do ensino fundamental, aprendam com consistência a leitura da escrita.

O ato de ler é um processo mental de vários níveis, que muito contribui para o desenvolvimento do intelecto. Segundo Gardner (1995, p. 14), a inteligência é a capacidade de resolver problemas ou de elaborar produtos que sejam valorizados em ambientes culturais ou comunitários. Esse autor afirma também que os seres humanos possuem “inteligências múltiplas”, que constituem as diversas capacidades humanas, entre as quais está a capacidade da leitura. A criança, mesmo antes de aprender a ler formalmente, consegue fazer uma leitura crítica de mundo e das imagens do seu cotidiano. Uma pessoa pode desenvolver mais uma habilidade do que outra, mas isso não quer dizer que não consiga aprender outras coisas. Todos têm capacidade para aprender, desde que seja trabalhado o desenvolvimento dessas habilidades como no caso da leitura formal.

A necessidade de ler está presente em todos os momentos e lugares da nossa vida. Livros, revistas, jornais, cartazes, rótulos, embalagens, etc., incitam as pessoas ao exercício da leitura. A leitura da escrita é uma forma do leitor se divertir, se informar, imaginar, criar, participar. Quando o assunto é pouco familiar ao leitor, a leitura se torna mais lenta, o que dificulta a compreensão.

A criança precisa ter experiências com a leitura da escrita porque, quanto mais ela lê, mais ela desenvolve a habilidade da leitura da escrita e, se ela conhece e gosta do que está lendo, a leitura é feita com prazer e facilita sua aprendizagem.

Ler é compreender o que se está lendo, é captar o sentido do texto, não é um ato solitário, mas, sim, uma interação entre indivíduos socialmente determinados, alunos e professores. O papel do professor é muito importante, pois ele deve fazer o que convém que seja feito a fim de ajudar o aluno a aprender a ler. Esse papel exige muito esforço e preparo da parte do professor; seu próprio comportamento de leitor serve como modelo para seus alunos, já que ele não pode ensinar uma criança a gostar de ler, se ele mesmo não se mostra interessado pela leitura. As preferências da criança também devem ser respeitadas. Dentro da sala de aula, o professor é o mediador da leitura entre os seus alunos. É necessário desenvolver atividades que favoreçam a aproximação da criança com a leitura (BARBOSA, 1991, p. 138).

Segundo Silva (1994, p. 5), através da leitura a criança adquire um entendimento mais amplo do mundo; pela leitura ela tem a possibilidade de reconhecer e utilizar alguns códigos do mundo adulto. Trabalhar a leitura e a escrita é um processo muito rico para a criança e muito envolvente. É importante que a leitura na escola seja adequada para cada faixa etária (tratar-se-á desse assunto posteriormente), de modo que a criança possa progredir para leituras mais complexas aos poucos e sem perder o interesse.

No processo de aprendizagem da leitura, a criança precisa ser estimulada a ler constantemente para desenvolver sua habilidade de leitura da escrita. Para que isso aconteça de maneira prazerosa, os livros ofertados devem ser adequados à idade da criança, como afirma Bamberger (1995, p. 56), “Na seleção do material de leitura cumpre atentar de modo muito especial para a idade da criança e o tipo de leitura.” Devem-se usar leituras interessantes e divertidas, que chamem a atenção das crianças. Bons livros infantis são fundamentais para o ensino da leitura.

Se quisermos que os alunos adquiram o gosto pela leitura, precisamos primeiro dar o exemplo, pois, de acordo com Bamberger (1995, p. 6), “o professor que tem o hábito de ler consegue influenciar melhor seu aluno a se interessar pela leitura”. Os professores precisam ter uma formação continuada que contemple leituras e pesquisas, levando em conta os efeitos que o hábito da leitura da escrita desempenha na vida da criança, no seu intelecto, no seu vocabulário, na sua personalidade.

Levando-se em consideração a curiosidade natural da criança, o aprendizado da leitura da escrita formal deve ser interessante e desafiador para que os alunos se sintam motivados a aprender, de modo que não seja um aprendizado mecânico e sem sentido, apenas por obrigação; afinal de contas “... tudo quanto de fato impressionou a nossa mente jamais é esquecido, mesmo que permaneça muito tempo na obscuridade do inconsciente” (MARTINS, 2006, p. 19).

De acordo com a Martins (2006, p. 20), a aprendizagem da leitura da escrita significa uma conquista de autonomia, permite a ampliação dos horizontes, implica um comprometimento, uma ruptura com a passividade em relação ao uso dos códigos da sociedade atual. A prática da leitura pode contribuir para mudar a vida do leitor, no sentido de que ela pode proporcionar a ampliação do seu repertório e a aquisição de uma visão crítica diante da sua realidade social. A leitura mexe com

a imaginação da criança e ajuda a desenvolver a sua criatividade. Mas, infelizmente nem todas as crianças têm o mesmo acesso a bons livros infantis.

As camadas populares têm pouco acesso à leitura da escrita formal. A maioria dessas crianças só tem acesso a materiais escritos como livros, revistas e jornais na escola. Por isso esta deve fazer esses materiais chegar até o aluno, através da biblioteca escolar, da hora do conto, do planejamento pedagógico que deve contemplar a questão da leitura no espaço escolar, etc. É preciso que todos aqueles que trabalham com crianças tenham uma mentalidade aberta, procurando conhecer e entender as necessidades e interesses dos seus alunos e adequá-los ao ambiente escolar.

A leitura da escrita é uma prática social básica, porém ela desempenha funções diferentes na nossa sociedade; para os dominantes ela representa mais uma possibilidade de ampliar conhecimentos e para os dominados ela é vista como preparação para o mundo do trabalho. Segundo Soares (1995, p. 21), enquanto as classes dominantes veem a leitura como lazer, ampliação de horizontes, de conhecimentos e experiências, as classes dominadas a veem como instrumento necessário à sobrevivência, ao acesso ao mundo do trabalho, à luta contra suas condições de vida. Aprender a ler é uma necessidade imposta pela sociedade atual e, independente da condição social da criança, esse processo exige tempo e esforço para ser bem assimilado pela criança.

As crianças, no início do ensino fundamental, vêm para a escola com um conhecimento de mundo já formado, que elas adquirem através de suas próprias experiências de vida, relacionadas ao contexto familiar e social ao qual elas pertencem. A aprendizagem da leitura contribui para aprimorar esses conhecimentos e para descobrir outros novos, que são necessários para o progresso escolar dos alunos.

Ao ingressar na escola, no começo dos anos iniciais do ensino fundamental, a criança se depara com um modo de ler muito diferente do que ela conhece; agora ela precisa aprender a ler formalmente. Para que esse processo seja significativo, é necessária a aproximação, num primeiro momento, com coisas conhecidas e interessantes, de modo que a criança tenha sucesso nessa aprendizagem.

Na seqüência, foram reunidas algumas pesquisas atualizadas sobre o tema visando-se reforçar a importância da aprendizagem da leitura da escrita nos anos iniciais do ensino fundamental.

CAPÍTULO 2

CINCO ESTUDOS QUE REFORÇAM A IMPORTÂNCIA DO PRESENTE TRABALHO

Esses artigos foram selecionados, dentre outros, primeiro porque tratam da importância da aprendizagem da leitura no começo da escolarização. Também porque essas pesquisas trazem contribuições relevantes para reforçar a necessidade de tratar sobre o tema da leitura da escrita nos primeiros anos do ensino fundamental.

A escolha desses artigos específicos aconteceu porque eles foram os únicos, entre os que a pesquisadora encontrou, que melhor se identificavam com o tema deste trabalho. Optou-se assim, por selecionar apenas cinco porque não havia tempo suficiente para analisar um número maior de pesquisas.

ARTIGO 1: “A ESCOLA E O ENSINO DA LEITURA”

O presente artigo trata do ensino da leitura e da necessidade de formar leitores críticos e reflexivos. Nesse trabalho, Ferreira e Dias (2002) refletem sobre qual tem sido a contribuição da escola na formação de leitores críticos e reflexivos na sociedade atual.

Ferreira e Dias (2002) afirmam que o acesso ao aprendizado da leitura apresenta-se como um dos múltiplos desafios da escola e, talvez, como o mais valorizado e exigido pela sociedade. É através do acesso à leitura e à escrita que se pode alcançar a democracia e a capacidade de compreender por que as coisas são como são.

Segundo Ferreira e Dias (2002), isto só é possível se as pessoas tiverem acesso ao processo de produção do saber e não, apenas, da transmissão dos saberes que já vêm cheios de uma ideologia que promove a uniformidade entre os indivíduos que a eles têm acesso.

Infelizmente, apenas o acesso à escola não garante o acesso aos processos de transformação da realidade. Ferreira e Dias (2002) dizem que a escola

atual continua pretendendo atingir o objetivo de alfabetização para o qual foi idealizada no período de industrialização da sociedade. Que visava apenas promover o acesso dos trabalhadores às técnicas de leitura e escrita para o aperfeiçoamento em massa da mão-de-obra a fim de atender as exigências do mercado de trabalho.

Os alunos eram vistos como se estivessem todos em um mesmo estágio cognitivo, como se pudessem desenvolver a leitura, todos, igualmente e em um mesmo tempo. Esta concepção, de acordo com as autoras, rejeita a idéia de que a leitura é uma atividade social e compartilhada, que se desenvolve a partir da própria leitura e da participação de pessoas diferentes e que aprendem de formas diversificadas.

Ferreira e Dias (2002) demonstram que a aprendizagem mais elaborada da leitura e da escrita acaba sendo um privilégio de poucos, que se tornam bons leitores e o restante dos alunos, apenas decifradores, que passam a ser vistos como os mal-sucedidos ou fracassados academicamente.

Hoje existem muitas mídias que permitem o acesso rápido às informações, mas a leitura da escrita continua sendo o meio mais eficaz de obter informação, porque permite a liberdade de escolha diante dos diversos temas apresentados. De acordo com Ferreira e Dias (2002), ao ler o indivíduo constrói seus próprios significados, elabora suas próprias questões e rejeita, confirma ou reelabora suas próprias respostas.

No processo de aprendizagem da leitura, a criança precisa ter contato com os mais diversos tipos de textos, para que compreenda o valor social da leitura. Para Ferreira e Dias (2002), as habilidades de leitura são desenvolvidas por meio da imersão na escrita e na prática da leitura, não podendo ser ensinadas isoladas e descontextualizadas das práticas sociais.

Ferreira e Dias (2002) dizem que o professor tem um papel fundamental no desenvolvimento da habilidade da leitura de seus alunos, porque ele ensina as estratégias de leitura para que o aluno se torne um leitor autônomo e competente. Porém, essa responsabilidade não é só do professor ou da escola, a sociedade em geral precisa se conscientizar da importância da leitura como aprendizado social capaz de levar à transformação.

O ensino da leitura deve acontecer em situações contextualizadas e significativas para que o aluno compreenda a leitura como atividade social e se

reconheça inserido no mundo letrado. Também é importante que, sempre que necessário, o professor reveja sua atuação em sala de aula e proporcione situações nas quais o aluno possa vivenciar práticas de leitura prazerosas e instigantes, visando a formação de leitores e não apenas decifradores.

ARTIGO 2 “ESCALA DE ESTRATÉGIAS DE LEITURA PARA ETAPA INICIAL DO ENSINO FUNDAMENTAL”

Neste artigo Joly (2006) relata um estudo no qual buscou verificar evidências de validade e precisão de uma escala de estratégias metacognitivas de leitura para crianças na fase inicial de escolarização. Para tanto, ela contou com a participação de 1.259 estudantes com idade entre 9 e 14 anos, que frequentavam da 2ª à 4ª série do ensino fundamental. O procedimento utilizado foi a aplicação coletiva do instrumento Escala de Estratégias de Leitura - nível fundamental I. A autora relata que os resultados indicaram que a escala pode ser considerada fidedigna.

De acordo com Joly (2006), a metacognição ou gerenciamento de metas, na perspectiva cognitiva do processamento humano da informação, coordena e monitora as atividades mentais. No caso da leitura, as estratégias são consideradas procedimentos metacognitivos, pois auxiliam na resolução de problemas de compreensão da leitura, permitindo ao leitor uma maior compreensão do texto lido.

O uso das estratégias de leitura auxiliam o leitor na identificação dos objetivos da leitura, na percepção dos aspectos importantes do texto, ajudam também a perceber se está compreendendo. Joly (2006) explica que o leitor deve utilizar as estratégias para facilitar as atividades de leitura e providenciar ações corretivas quando detectar falhas na compreensão do texto lido.

Ela ressalta, ainda, que as estratégias de leitura devem ser selecionadas considerando a maturidade do leitor, a complexidade do texto e o objetivo da leitura, para que possibilite ao leitor criar um plano para a compreensão do texto.

De acordo com Joly (2006), as estratégias utilizadas mais frequentemente foram classificadas em: globais, que se referem à análise geral do texto; de suporte, quando o leitor usa materiais de referência para compreender o texto como grifos; e de solução de problemas, quando surgem dificuldades de compreensão diante de informações contidas no texto.

Para a pesquisadora, existe a possibilidade de ensinar os alunos a usarem estratégias para ler e entender o texto. Para que isso aconteça é necessário que os alunos conheçam as estratégias que podem usar, como, quando, onde e por que usá-las. É necessário que os alunos aprendam as estratégias de leitura em situações educacionais, desde o início da escolarização.

Os resultados da pesquisa indicaram que os leitores iniciantes precisam das estratégias de leitura mais como apoio e recurso para resolver problemas de compreensão. As crianças que cursam de 2ª a 4ª série do ensino fundamental utilizam com mais frequência estratégias porque estas ajudam a compreender melhor os textos.

Joly (2006) ressalta que, devido à falta de instrumentos de avaliação de estratégias de leitura no Brasil, baseou-se em um modelo americano na sua pesquisa. Por isso sugere novos estudos para que se verifiquem outras relações das estratégias de leitura como desempenho em compreensão, vocabulário, inteligência, motivação, entre outros, levando em conta que a leitura é uma habilidade muito importante tanto para o sucesso escolar, quanto para a utilização na vida social.

ARTIGO 3: “O PERFIL DOS PROFESSORES LEITORES DAS SÉRIES INICIAIS E A PRÁTICA DE LEITURA EM SALA DE AULA”

Este artigo tem por objetivo investigar os hábitos e comportamentos dos professores de 1ª a 4ª série do ensino fundamental perante a leitura e a prática da leitura em sala de aula. As pesquisadoras (BARROS, GOMES, 2008) contaram com a participação de 30 professores de 1ª a 4ª série do ensino fundamental, de escolas públicas. Foi aplicado um questionário para colher informações sobre os hábitos e atitudes dos professores diante do aprendizado da leitura. As autoras chegaram à conclusão de que a maioria dos professores não desenvolveu uma

relação afetiva com a leitura na infância e não têm o hábito de leitura, tão necessário para transformar pequenos leitores em bons leitores.

De acordo com Barros e Gomes (2008), o processo de aprender a ler e a escrever acontece por duas vias: uma envolve a construção das relações de codificação e decodificação, aliadas ao aspecto motor de escrever da esquerda para a direita, de cima para baixo, segurar o lápis, entre outros, a outra diz respeito ao uso desse conhecimento nas práticas sociais. Esses dois processos são simultâneos e interdependentes, porém diferentes, são os processos de alfabetização e do letramento.

Toda criança precisa aprender a usar a codificação e a decodificação e ter o hábito de ler e escrever diversos tipos de textos em diferentes contextos e situações. Para as autoras, ensinar a ler não significa apenas ensinar as letras. É preciso promover, ao longo da vida escolar, o desenvolvimento de habilidades de leitura mesmo que a criança não tenha participado anteriormente de situações prazerosas de leitura.

De acordo com as pesquisadoras, a leitura é uma habilidade que pode começar a ser desenvolvida bem antes do aprendizado das letras. Quando alguém lê e a criança escuta por prazer, ela está sendo incentivada ao hábito da leitura. O contar histórias desperta o gosto pela leitura e proporciona o desenvolvimento de bons leitores, porque é uma prática que prende a atenção das crianças. O gosto pela leitura se estabelece na infância e, para que a criança se torne um bom leitor, é necessário que a prática de leitura aconteça em casa e na escola.

O hábito de leitura do professor, de acordo com as autoras, também influencia o gosto pela leitura dos seus alunos. Uma atitude positiva do professor em face da leitura é fundamental na aprendizagem e desenvolvimento do hábito de leitura entre as crianças. Pois, como mostram as autoras, o exemplo é o maior incentivador do gosto pela leitura.

As pesquisadoras chegaram à conclusão de que 30% dos professores têm um comportamento favorável com relação à leitura e 70% demonstraram comportamento pouco favorável à leitura. A maioria desses professores não desenvolveu uma relação afetiva com a leitura e não tem o hábito de ler, que é indispensável para formar bons leitores.

Barros e Gomes (2008) chamam a atenção para a importância de se realizarem projetos de formação para a prática de leitura do professor, nos quais os professores possam discutir suas atitudes em relação à leitura, suas experiências pessoais e pedagógicas, as concepções que eles têm sobre leitura, suas funções e usos, como motivar o aluno para a aprendizagem da leitura, a formação de bons leitores, entre outros assuntos.

Para formar bons leitores é indispensável gostar de ler e realizar leituras prazerosas. O adulto leitor, professor ou não, precisa demonstrar uma postura favorável à leitura, deve ser um bom leitor e demonstrar paixão pelos livros e satisfação diante da leitura, para que consiga entusiasmar as crianças e criar nelas o gosto pela leitura, e assim o ato de ler não se transforme numa prática mecânica e sem sentido.

Artigo 4: “AVALIAÇÃO DA LEITURA E ESCRITA DE PALAVRAS EM CRIANÇAS DE 2ª SÉRIE: ABORDAGEM NEUROPSICOLÓGICA COGNITIVA”

Este artigo trata de um estudo que analisa, em uma abordagem neuropsicológica cognitiva, a precisão no uso das rotas de leitura em voz alta e escrita de palavras isoladas de 109 crianças de 2ª série de escolas estaduais. De acordo com Salles e Parente (2007), ficou evidente uma maior precisão no uso da rota fonológica de leitura e de escrita, em razão do melhor desempenho nas pseudopalavras do que nas palavras irregulares, dos fortes efeitos de regularidade e extensão e dos erros de neologismos e regularizações.

A leitura e a escrita são atividades complexas, compostas por múltiplos processos. No Brasil, de acordo com as pesquisadoras, não há consenso sobre os desempenhos em leitura e escrita esperados para cada série escolar, além da diversidade de formas de avaliação dessas habilidades.

Como demonstram as autoras, é importante conhecer as estratégias de leitura e escrita utilizadas pelas crianças nos anos iniciais de escolarização para que seja possível prevenir, identificar e tratar as dificuldades de leitura e escrita.

Os modelos de leitura e escrita, provenientes da neuropsicologia cognitiva têm sido usados para compreender os processos de leitura e escrita de

palavras, empregados pelas crianças, que estão aprendendo a ler e escrever. De acordo com Salles e Parente (2007), os modelos de dupla-rota de leitura e de escrita indicam que se podem usar, pelo menos, dois processos na leitura em voz alta e na escrita de palavras: o processo fonológico, de conversão grafonêmica (leitura) ou fonografêmica (escrita); e o processo lexical, que usa a representação das palavras conhecidas, armazenadas no léxico, para reconhecer as palavras (leitura) ou produzi-las (escrita). Os modelos de dupla-rota são os mais populares por explicar com sucesso os processos envolvidos na leitura normal e nas dislexias.

Segundo Salles e Parente (2007), há basicamente quatro formas de inferir o uso da rota fonológica na leitura ou na escrita de palavras: a) pelo desempenho na leitura e escrita de pseudopalavras (palavras que não existem); b) pelo efeito de regularidade; c) pelo efeito de extensão; d) pelos erros do tipo regularizações e neologismos. Salles e Parente (2007) também demonstram que, para analisar o uso da rota lexical de leitura e escrita, podem ser usados quatro tipos de informações: a) desempenho com palavras irregulares; b) efeito de frequência; c) efeito de lexicalidade; d) erros do tipo respostas e palavras, como as lexicalizações.

Os resultados mostraram que de forma geral há indícios de uso de ambas as rotas de leitura e escrita pelas crianças pesquisadas, mas a rota fonológica é mais usada do que a lexical. De acordo com Salles e Parente (2007), o uso da rota fonológica na aquisição da leitura, permite a leitura de palavras desconhecidas ou pouco familiares, para as quais não está disponível uma representação ortográfica na memória.

Salles e Parente (2007) concluíram que as crianças de 2ª série usam tanto as rotas de leitura e de escrita fonológica quanto a lexical. Porém, a rota fonológica é a mais usada pelas crianças no processo de alfabetização. O estudo ressalta, ainda, a importância da rota fonológica no início do processo de desenvolvimento da leitura e escrita.

ARTIGO 5: “O CONHECIMENTO DE PROFESSORES DE 1ª A 4ª SÉRIE QUANTO AOS DISTÚRBIOS DE LEITURA E ESCRITA”

O presente artigo é resultado de uma pesquisa sobre o conhecimento dos professores de 1ª a 4ª série quanto ao distúrbio da leitura e escrita e quais dificuldades apresentam em relação a esse distúrbio. A pesquisa foi realizada por meio de um questionário informativo proposto a 50 professores de 1ª a 4ª série da cidade de Bauru.

De acordo com Fernandes e Crenitte (2008), os resultados obtidos revelaram que os professores possuem um conhecimento superficial a respeito do distúrbio da leitura e escrita e também que eles têm uma visão limitada quanto à atuação do fonoaudiólogo. O distúrbio de leitura e escrita foi considerado como um problema próprio da criança, sendo pouco reconhecido como uma falha que também pode ser da escola ou da metodologia de ensino.

A prática da fonoaudiologia iniciou-se na década de 20. Mas, somente na década de 80 a escola tornou-se um espaço de atuação desse profissional.

O professor, por estar em contato diário com a criança, deve ficar atento a fim de perceber muitas das dificuldades que os alunos possam vir a apresentar, como por exemplo, distúrbio na leitura e escrita.

Um professor que lida com crianças no processo de aquisição da linguagem poderá desenvolver ações que aperfeiçoem o desenvolvimento delas, mas a falta de conhecimentos sobre as teorias de aquisição da linguagem faz com que o professor não consiga facultar a aprendizagem necessária aos seus alunos.

Os professores devem esforçar-se por não culpabilizar o aluno pelo seu fracasso escolar. Eles precisam adotar uma atitude de confiança e credibilidade na capacidade do aluno para que este aprenda e se torne um aluno motivado e regular. Se o professor tem uma postura negativa em relação ao aluno, a escola pode ser relacionada ao desprazer, prejudicando ainda mais o desempenho do aluno.

O conhecimento, pelo professor, referente ao distúrbio da leitura e escrita, permite-lhe desenvolver ações que ajudem os alunos a desenvolverem sua linguagem.

De acordo com Fernandes e Crenitte (2008), a literatura mostra que considerar o distúrbio de aprendizagem como dificuldade de aprendizagem é um dos equívocos que leva a uma concepção errônea da dificuldade de aprender. Muitas vezes a expressão distúrbio de aprendizagem aparece como sinônima de outras como: dificuldade escolar, problema de aprendizagem ou dificuldade na aprendizagem.

As pesquisadoras constataram que os professores entrevistados reconhecem que o fonoaudiólogo tem um papel a ser desenvolvido na área da educação, porém, para eles, a atuação fonoaudiológica na escola é voltada para tratamento. Fernandes e Crenitte (2008) propõem que a fonoaudiologia deve assumir não a doença, mas sim a promoção da saúde, para isso o fonoaudiólogo deve atuar com os alunos e também com os professores.

É importante que os professores obtenham, na sua formação, conhecimentos sobre fonoaudiologia para que recebam subsídios que auxiliem na prevenção e detecção precoce de distúrbios nos alunos. As autoras destacam também a importância de uma avaliação multidisciplinar para se obter um diagnóstico final, destacam ainda que uma criança com distúrbio de aprendizagem pode ser beneficiada quando recebe ajuda em todos os níveis, e também do professor.

Outro aspecto observado pelas autoras diz respeito aos rótulos dados pelos professores às dificuldades dos alunos. Fernandes e Crenitte (2008) referem que algumas crianças não conseguem acompanhar o currículo estabelecido pela escola e, porque fracassam, são classificadas como retardadas mentais, emocionalmente perturbadas ou simplesmente rotuladas de alunos fracos, multirrepetentes.

Alguns professores consideraram, como justificativa para o distúrbio da leitura e escrita, os fatores intrínsecos (biológicos, fisiológicos). Porém, de acordo com as autoras, estudos revelam que, entre os alunos que fracassam na escola, é mínima a porcentagem dos que têm transtorno de aprendizagem causado por fatores intrínsecos como disfunção neurológica, fatores genéticos ou comprometimentos linguísticos.

Segundo Fernandes e Crenitte (2008), a literatura relata que os alunos que apresentam dificuldades escolares consideram como positiva a mudança de estratégias por parte do professor, nas atividades escolares. Uma postura mais

positiva do professor pode contribuir para melhorar a aprendizagem do aluno que demonstra problemas de aprendizagem.

Os resultados dessa pesquisa mostraram a importância do trabalho em equipe. A atuação interdisciplinar tem mostrado que a educação deve ser compartilhada e que as diferentes áreas do conhecimento envolvidas na educação, precisam estar ligadas para solucionar os desafios enfrentados hoje, como o distúrbio de leitura.

Sendo assim, de acordo com Fernandes e Crenitte (2008), é essencial reconsiderar as práticas pedagógicas, com o objetivo de detectar e tratar as dificuldades de aprendizagem que os alunos venham a apresentar. Também é importante que o professor busque novos conhecimentos para concatenar as diferentes áreas do saber relacionadas à educação, sem esquecer que para isso é preciso criar condições para que o professor consiga reavaliar e, se preciso, modificar a sua atuação em sala de aula.

CAPÍTULO 3

REFLEXÕES SOBRE O TEMA DA LEITURA DA ESCRITA

Este capítulo traz reflexões e apontamentos de duas obras do referencial teórico, que foram escolhidas porque abordam o tema da leitura da escrita de uma forma simples e esclarecedora, e contribui para o enriquecimento da discussão sobre a aprendizagem da leitura. No primeiro livro “O que é leitura”, a autora mostra que a leitura abrange três níveis básicos: sensorial, emocional e racional. Esses níveis se inter-relacionam. Para as crianças que estão aprendendo a ler, a leitura sensorial é a que mais conta, porque propicia a elas nos primeiros contatos com o livro, a descoberta de um objeto novo e especial, o que as motiva a concretizar o ato de ler o texto escrito. Os apontamentos e reflexões dessas duas obras contribuíram para que os objetivos propostos neste trabalho fossem atingidos.

3.1 O QUE É LEITURA¹

No que concerne à leitura, o mais comum é pensar em leitura de livros. O ato de ler é usualmente relacionado com a escrita, e o leitor visto como decodificador da letra. Bastará, porém decifrar palavras para acontecer a leitura? O ato de ler vai além da simples leitura. Começa-se a ler desde os primeiros contatos com o mundo, começa-se a compreender e a dar sentido ao que e a quem está presente. Esses também são os primeiros passos para aprender a ler. Trata-se pois de um aprendizado mais natural do que se costuma pensar, mas tão exigente e complexo como a própria vida.

Os estudos da linguagem vêm revelando que aprendemos a ler, apesar dos professores e que, para aprender a ler e compreender, o processo da leitura, necessitamos de alguma orientação, mas uma vez propostas instruções uniformizadas, elas não raro mais confundem do que auxiliam. Na leitura do texto escrito, não é apenas o conhecimento da língua que conta, e sim todo um sistema de relações inter-pessoais e entre as várias áreas do conhecimento e da expressão

¹ MARTINS, Maria Helena (2006).

do homem e das suas circunstâncias de vida. Os inúmeros escritores que têm recriado a aprendizagem da leitura quase sempre apresentam-na como algo mágico, senão enquanto ato, pelo menos enquanto processo de descoberta de um universo desconhecido e maravilhoso. Certamente aprendemos a ler a partir do nosso contexto pessoal. E temos de valorizá-lo para poder ir além dele.

O conhecimento da língua não é suficiente para a leitura se efetivar. Na verdade o leitor pré existe à descoberta do significado das palavras escritas. Quando começamos a organizar os conhecimentos adquiridos, a partir das situações que a realidade impõe e da nossa atuação nela; quando começamos a estabelecer relações entre as experiências e a tentar resolver os problemas que se nos apresentam, aí então estamos procedendo a leituras, as quais nos habilitam a ler basicamente tudo e qualquer coisa. Esse seria o lado otimista e prazeroso do aprendizado da leitura. Dá-nos a impressão de o mundo estar ao nosso alcance; não só podemos compreendê-lo, conviver com ele, mas até modificá-lo à medida que incorporamos experiências de leitura.

A psicanálise garante que tudo quanto de fato impressionou a nossa mente jamais é esquecido, mesmo que permaneça muito tempo na obscuridade do inconsciente. Essa constatação evidencia a importância da memória tanto para a vida quanto para a leitura, principalmente da palavra escrita - daí a valorização do saber ler e escrever - que tem se transformado com frequência em instrumento de poder pelos dominadores, mas que também pode vir a ser a liberação dos dominados.

Se o conceito de leitura está geralmente restrito à decifração da escrita, sua aprendizagem, no entanto, liga-se por tradição ao processo de formação global do indivíduo, a sua capacitação para o convívio e atuação social, política, econômica e cultural. Saber ler e escrever, já entre gregos e romanos, significava possuir as bases de uma educação adequada para a vida, que visava o desenvolvimento das capacidades intelectuais e espirituais, e também das aptidões físicas, possibilitando ao cidadão integrar-se efetivamente à sociedade.

Apesar de séculos de civilização, as coisas hoje não são muito diferentes. Muitos educadores não conseguiram superar a prática formalista e mecânica, e para a maioria dos educandos aprender a ler se resume em decorar signos linguísticos. Prevalece a pedagogia do sacrifício, do aprender por aprender, sem se colocar o porquê, o como e o para quê, impossibilitando compreender

verdadeiramente a função da leitura, o seu papel na vida do indivíduo e da sociedade. Mas também outros educadores apregoam a necessidade da constituição do “hábito de ler”. A leitura seria a ponte para o processo educacional eficiente, capacitador da educação integral do indivíduo.

A escola é o lugar onde a maioria aprende a ler e escrever, e muitos têm, talvez, sua única oportunidade de contato com os livros, que passam a ser identificados com os manuais escolares, que mais inibem do que incentivam o gosto de ler. Quanto aos educadores, muitos consideram tais livros um “mal necessário” diante de evidentes problemas econômicos, deficiência na formação de professores e na própria estrutura do ensino brasileiro. É fundamental que, conhecendo os limites de sua ação, os educadores repensem sua prática profissional e passem a agir objetiva e coerentemente em face dos desequilíbrios e desafios que a realidade apresenta.

A leitura vista num sentido amplo, independente do contexto escolar, e para além do texto escrito, permite compreender e valorizar melhor cada passo do aprendizado das coisas, cada experiência. Assim, o ato de ler se refere tanto a algo escrito quanto a outros tipos de expressão do fazer humano. As inúmeras concepções vigentes sobre leitura, grosso modo, podem ser sintetizadas em duas caracterizações: 1) como decodificação mecânica de signos linguísticos, por meio de aprendizado estabelecido a partir do condicionamento estímulo-resposta. 2) como processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, tanto quanto culturais, econômicos e políticos. Ambas são necessárias à leitura. Decodificar sem compreender é inútil; compreender sem decodificar, impossível.

A leitura vai além do texto e começa antes do contato com ele. O leitor assume um papel atuante, deixa de ser mero decodificador ou receptor passivo. E o contexto geral em que ele atua e as pessoas com quem convive passam a ter influência apreciável em seu desempenho na leitura. Isso porque o dar sentido a um texto implica sempre levar em conta a situação desse texto e de seu leitor. As circunstâncias pessoais ou não (uma dor de cabeça, uma imposição, um conflito social) influenciam na nossa leitura.

Aprender a ler significa também aprender a ler o mundo, dar sentido a ele e a nós próprios, o que, mal ou bem, fazemos sem ser ensinados. A função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o

educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta. Assim, criar condições de leitura não implica apenas alfabetizar ou propiciar acesso aos livros. Trata-se antes de dialogar com o leitor sobre a sua leitura, isto é, sobre o sentido que ele dá, a algo escrito, um quadro, uma paisagem, a sons, imagens, coisas, idéias, situações reais ou imaginárias.

O ato de ler e os sentidos, as emoções e a razão. Refletindo a da questão da leitura, percebemos a configuração de três níveis básicos de leitura: nível sensorial, emocional e racional. Cada um corresponde a um modo de aproximação ao objeto lido. Como a leitura é dinâmica e circunstanciada, esses três níveis são inter-relacionados, mesmo sendo um ou outro privilegiado, segundo a experiência, expectativas, necessidades e interesses do leitor e das condições do contexto geral em que se insere.

A **leitura sensorial** utiliza a visão, o tato, a audição, o olfato e o gosto que são os referenciais mais elementares do ato de ler. Os momentos iniciais da relação da criança com o mundo ilustram a leitura sensorial. Essa leitura começa muito cedo e nos acompanha por toda a vida. A leitura sensorial vai dando a conhecer ao leitor aquilo de que ele gosta ou não gosta, porque impressiona a vista, o ouvido, o tato, o olfato ou o paladar. Mas como ler assim um livro? Antes de ser um texto escrito, um livro é um objeto; tem forma, cor, textura, volume, cheiro. Para muitos adultos e especialmente crianças não-alfabetizadas essa é a leitura que conta. Esses primeiros contatos propiciam à criança a descoberta do livro como um objeto especial. Motivam-na para a concretização do ato de ler o texto escrito, a partir do processo de alfabetização.

Assim, quando uma leitura nos faz ficar alegres ou deprimidos, desperta a curiosidade, estimula a fantasia, provoca descobertas, lembranças e outros sentimentos, aí então deixamos de ler apenas com os sentidos para entrar no nível de leitura emocional.

A **leitura emocional** lida com os sentimentos, o que necessariamente implicaria falta de objetividade, subjetivismo. Essa é a leitura mais comum de quem diz gostar de ler, talvez a que lhe dê maior prazer. E é pouco revelada e muito menos valorizada. Na leitura emocional emerge a empatia, tendência de sentir o que se sentiria caso se estivesse na situação e circunstâncias experimentadas por outro. A criança tende a ter maior disponibilidade que o adulto a

esse tipo de leitura pelo fato de, em princípio, tudo lhe ser novo e desconhecido e ela precisar conhecer o mais possível a fim de aprender a conviver com esse mundo. Assim sendo, não só é mais receptiva como mais espontânea quanto a manifestar emoções.

Enquanto passatempo, essa leitura revela a predisposição do leitor de entregar-se ao universo apresentado no texto, desligando-se das circunstâncias concretas e imediatas. Daí a leitura emocional ser encarada como leitura de evasão, o que conota certo menosprezo por ela, quando na realidade deveria levar a uma reflexão aprofundada. Muitas vezes reprimimos e desconsideramos a leitura emocional, em razão de uma pretensa atitude intelectual.

Leitura racional: A leitura deve ser vista como um processo de compreensão abrangente, no qual o leitor participa com todas as suas capacidades a fim de apreender as mais diversas formas de expressão. A leitura racional acrescenta à sensorial e à emocional o fato de estabelecer uma ponte entre o leitor e o conhecimento, a reflexão, a reordenação do mundo objetivo, possibilitando-lhe, no ato de ler, atribuir significado ao texto e questionar tanto a própria individualidade como o universo das relações sociais. E ela não é importante por ser racional, mas por aquilo que o seu processo permite, alargando os horizontes de expectativa do leitor e ampliando as possibilidades de leitura do texto e da própria realidade social.

Na leitura emocional o leitor se deixa envolver pelos sentimentos que o texto nele desperta. Sua atitude é opiniática, tende ao irracional. Já na leitura racional o leitor visa mais o texto, tem em mira a indagação; quer mais compreendê-lo, dialogar com ele. Isso nos leva a considerar a leitura racional como especialmente exigente, pois a disponibilidade emocional, o processo de identificação, agora, se transformam em despreendimento do leitor, em vontade de apreender um processo de criação. Todos estamos historicamente ligados à noção de leitura como se esta se referisse à letra. Certamente que, quanto mais se lê de modo abrangente, mais estaremos também favorecendo nossa capacidade de leitura do texto escrito.

Os níveis de leitura são inter-relacionados, senão simultâneos. Existe uma tendência de a leitura sensorial anteceder a emocional e a esta se suceder a racional, o que se relaciona com o processo de amadurecimento do homem. Porém, são a história, a experiência e as circunstâncias de vida de cada leitor no ato de ler, bem como as respostas e questões apresentadas pelo objeto

lido, no decorrer do processo, que podem evidenciar um certo nível de leitura. Não se deve supor a existência isolada de cada um desses níveis, pelo fato de ser próprio da condição humana inter-relacionar sensação, emoção e razão, na tentativa de se expressar e de buscar sentido, compreender a si próprio e o mundo.

A leitura sensorial tem um tempo de duração e abrange um espaço mais limitado, em face do meio utilizado para realizá-la – os sentidos. Seu alcance se dá no aqui e agora e tende ao imediato. A leitura emocional é mais mediatizada pelas experiências prévias, pela vivência anterior do leitor, tem um caráter retrospectivo implícito; se inclina, pois à volta ao passado. Já a leitura racional tende a ser prospectiva, à medida que a reflexão determina um passo à frente no raciocínio, isto é, transforma o conhecimento prévio em um novo conhecimento ou em novas questões, implica mais concretamente possibilidades de desenvolver o discernimento acerca do texto lido.

Para sua compreensão e efetivação, a leitura deve preencher uma lacuna em nossa vida, precisa vir ao encontro de uma necessidade, de um desejo de expansão sensorial, emocional ou racional, de vontade de conhecer mais. O treinamento para a leitura efetiva implica aprendermos e desenvolvermos determinadas técnicas. Todavia, cada leitor tem de descobrir, criar uma técnica própria para aprimorar seu desempenho. Fundamental mesmo é a continuidade da leitura, o interesse em realizá-la.

A releitura traz muitos benefícios, oferece subsídios consideráveis, principalmente no plano racional. Pode apontar novas direções de modo a esclarecer dúvidas, evidenciar aspectos antes despercebidos ou subestimados, apurar a consciência crítica acerca do texto, propiciar novos elementos de comparação. A leitura, mais cedo ou mais tarde, sempre acontece, desde que se queira realmente ler.

Neste subitem apresentam-se as reflexões e apontamentos referentes à segunda obra proposta no início do capítulo. O que motivou a escolha dessa obra foi o fato de que ela trata das dificuldades que as crianças encontram na aprendizagem da leitura da escrita. Essas reflexões contribuiriam para que um dos objetivos, o de discutir a respeito das dificuldades das crianças durante a aprendizagem da leitura da escrita, fosse atingido.

3.2 DIFICULDADES NA APRENDIZAGEM DA LEITURA: TEORIA E PRÁTICA²

Quando uma criança ingressa na escola, sua primeira tarefa explícita é aprender a ler e escrever. A alfabetização é, sem dúvida alguma, o centro das expectativas de pais e professores. A leitura e a escrita são habilidades que exigem da criança a atenção a aspectos da linguagem aos quais ela não precisa dar importância até o momento em que começa a aprender a ler.

A criança, ao aprender a ler, precisa concentrar-se no fato de que a linguagem falada consiste de palavras e sentenças separadas. É necessário que ela descubra também que as palavras e as sentenças escritas correspondem a essas unidades da fala. Esta é uma forma de compreensão da linguagem que não aparece tão facilmente nas crianças mais novas. Uma outra habilidade nova que a alfabetização requer da criança é a necessidade de tomar consciência dos fonemas. O fonema é a menor unidade sonora que pode afetar o significado de uma palavra.

As crianças pequenas, em geral, acham extremamente difícil dividir as palavras em fonemas. Aprender a ler é uma tarefa difícil e complexa para todas as crianças.

No processo de alfabetização, algumas crianças se saem mais bem e outras menos bem do que esperaríamos, a partir do seu nível intelectual. Essas discrepâncias entre o progresso na leitura e a inteligência da criança são, normalmente, pequenas. As crianças disléxicas são crianças cujas dificuldades na aprendizagem da leitura e da escrita são muito maiores do que se esperaria considerando-se o estágio em que se encontram. Essas crianças, embora com as mesmas oportunidades que as outras crianças têm para aprender a ler, mostram, na alfabetização, progresso mais lento do que o de seus colegas da mesma idade e do mesmo nível intelectual.

Se as diferenças forem quantitativas, os métodos usados para ensinar a maioria das crianças que obtêm sucesso também serão apropriados para ajudar as crianças disléxicas a superar seus problemas. As diferenças no ensino também serão uma questão de quantidade, isto é, as crianças disléxicas precisam de mais horas de ensino. Por outro lado se existirem diferenças qualitativas entre as

² NUNES, Terezinha; BUARQUE, Lair ; BRYANT, Peter, 1992.

crianças disléxicas e as outras crianças, os métodos de ensino mais efetivos para as crianças disléxicas poderão ser radicalmente diferentes daqueles empregados para as outras crianças, devendo ser planejados em razão dos obstáculos encontrados pelas crianças em sua aprendizagem.

A idéia da existência de diferenças qualitativas entre as crianças disléxicas e as outras crianças resulta na concepção da dislexia como uma doença. As crianças disléxicas são percebidas como afetadas por um problema específico que não afeta as outras crianças. Se as diferenças forem quantitativas, as dificuldades das crianças disléxicas fazem parte de um contínuo natural, sendo incluídas na mesma distribuição normal que descreve as variações de escores em leitura e escrita para todas as crianças.

As crianças que encontram mais dificuldade podem, na realidade, ter de vencer obstáculos diversos daqueles encontrados pelas crianças que encontram menos dificuldade. Quando neurologistas e psicólogos começaram a examinar a natureza dos problemas observados entre as crianças disléxicas, eles se voltaram para a análise das habilidades perceptuais. Supuseram que as crianças disléxicas encontravam dificuldades na aprendizagem da leitura por serem portadoras de algum defeito em sua maneira de apreender a informação contida na página impressa.

Uma das primeiras hipóteses era que as crianças disléxicas sofrem de algum tipo de problema visual, ou de audição. Até o momento não existe evidência convincente a favor dessa explicação. No entanto, ainda é possível que algumas crianças disléxicas sofram de um problema visual, enquanto outras sofram outro tipo de dificuldade.

A fim de aprender a ler, é necessário estabelecer uma conexão entre os sons e as palavras que se ouve (informação auditiva) e as palavras escritas que se veem (informação visual). É possível que as crianças disléxicas não tenham dificuldades visuais ou auditivas específicas, mas apresentem dificuldade em fazer as conexões entre esses dois sentidos.

Outra hipótese diz respeito à possibilidade de um déficit linguístico, como a leitura é uma atividade linguística, existe a ideia de que as crianças disléxicas possam sofrer de alguma deficiência linguística. Essa sugestão é apoiada, mas não comprovada, pelo padrão de resultados que as crianças disléxicas produzem nos testes de inteligência nas tarefas verbais. Os baixos resultados das

crianças disléxicas nos testes verbais podem resultar, e não ser a causa, de seus problemas de leitura. Essas crianças têm pouca exposição à leitura e, portanto, são privadas de experiências linguísticas específicas à língua escrita. Esse fato pode ser a causa, e não a consequência, do seu desempenho pobre nos testes verbais.

Os neurologistas e psicólogos levantaram também a hipótese de deficiências possíveis na memória verbal – quando se compara, em testes de memória de palavras, o desempenho de crianças disléxicas ao de outras crianças da mesma idade que não têm um problema específico de leitura as crianças disléxicas demonstram desempenho inferior. No entanto as diferenças observadas podem não ser a causa da dificuldade de leitura das crianças disléxicas.

Outra hipótese foi levantada em relação à consciência da gramática, quando as crianças começam a ler, elas rapidamente compreendem que o significado e a gramática das sentenças escritas oferecem indicações importantes, auxiliando na decodificação de palavras de difícil leitura. As crianças usam parte das sentenças para prever ou antecipar as palavras que virão a seguir no texto e essa antecipação facilita a leitura. As crianças disléxicas podem ter dificuldades com essa forma de conhecimento linguístico e essa pode ser uma das causas de seus problemas na aprendizagem da leitura. Embora as crianças com atraso em leitura saibam usar a gramática perfeitamente quando falam, elas têm maiores dificuldades ao fazer julgamentos explícitos sobre sentenças gramaticais.

Consciência fonológica – Todas as crianças que aprendem a falar, inclusive as disléxicas, têm habilidades fonológicas importantes e desenvolvem essas habilidades muito rapidamente e, também, muito antes da alfabetização. No entanto usar fonemas para discriminar palavras é muito diferente de fazer julgamentos específicos sobre a análise de palavras em fonemas. Se as crianças têm dificuldades em reconhecer explicitamente que as palavras podem ser analisadas em fonemas, é provável que tenham dificuldade em aprender a ler. Esse obstáculo pode afetar qualquer criança e não apenas as disléxicas.

Pode-se concluir que há uma diferença quantitativa, e não qualitativa, entre as crianças disléxicas e as outras crianças em relação à consciência fonológica e à leitura.

As crianças disléxicas não constituem um grupo homogêneo, nem todas apresentam as mesmas dificuldades e os mesmos problemas de leitura e escrita. As crianças que apresentam dificuldade cometem erros distintos e abordam

a leitura de modo diverso. O que vemos não é a existência de vários tipos de dislexias, mas sim diferentes dificuldades, pois as crianças não são iguais e por isso as dificuldades também não são as mesmas para todas as crianças disléxicas.

3.2.1 O Desenvolvimento da Habilidade de Leitura e Escrita

Alguns educadores supunham que a percepção da criança seria global e, portanto, o ensino da escrita deveria ser global. Primeiro as crianças deveriam aprender a reconhecer frases e palavras para, posteriormente, analisarem palavras quanto a seus elementos menores, as sílabas e as letras. Outros educadores acreditam que a criança deveria aprender primeiro os elementos mais simples, as letras, para depois reuni-los em sílabas e palavras, que seriam elementos mais complexos. Na realidade essas controvérsias entre métodos não consideravam a natureza representativa da língua escrita, nem sua relação com a língua falada.

A evolução no processo de alfabetização de crianças sem dificuldade de aprendizagem – A evolução no processo de alfabetização passa por estágios, que são voltados para o tipo de relação que a criança aparentemente supõe existir entre a língua escrita e a língua falada. Numa visão mais radical, as estratégias que a criança usa para ler e escrever, em um estágio, não seriam utilizadas no outro. Numa perspectiva menos radical, estratégias e conhecimentos adquiridos anteriormente ainda podem ser usados num estágio posterior, pois não existe necessariamente incoerência entre o que foi aprendido antes e o que vem depois.

Num estágio inicial, que diz respeito à correspondência global entre escrita e elementos significativos, as crianças parecem supor a existência de uma relação geral entre os elementos mais significativos da linguagem e as partes identificadas na escrita. Por exemplo, ao ver uma figura, elas supõem o que está escrito a partir da imagem.

O segundo estágio refere-se ao início da análise fonológica. Não é a quantidade de grafias aprendidas, mas a descoberta de semelhanças que podem facilitar o ingresso da criança no segundo estágio, em que parece descobrir a

existência de relações sistemáticas entre elementos fonológicos na linguagem e elementos gráficos na escrita. Nesse estágio a criança busca uma análise fonológica da palavra e sua representação, mas não alcança essa análise no plano do fonema.

O terceiro estágio diz respeito à concepção alfabética de escrita. A concepção alfabética consiste em aprofundar ainda mais a análise fonológica da palavra, chegando a unidades mínimas, os fonemas. A criança que se torna consciente dos fonemas tenta estabelecer uma correspondência entre essas unidades da fala e as letras, buscando representar cada fonema através de uma letra. A consciência das sequências de fonemas gera as representações gráficas das palavras e, portanto, erros, quando a língua falada não corresponde exatamente à língua escrita.

O estágio pós-alfabético é o estágio que permite a continuação do desenvolvimento da concepção alfabética.

Seria o desenvolvimento das crianças disléxicas descrito pelos mesmos estágios no processo de desenvolvimento da leitura e escrita? As crianças com dificuldade de aprendizagem passam por estágios semelhantes àqueles observados em crianças sem dificuldade. As diferenças, então, são quantitativas.

Os processos utilizados pelas crianças quando leem e escrevem não são exatamente os mesmos. A relação entre leitura e escrita não é uma simples questão de passar de som para letra na escrita e inverter esse processo, passando de letra para som na leitura. Ao ler, as crianças precisam apenas reconhecer a palavra, enquanto ao escrever, elas precisam produzir todas as letras na ordem correta.

As crianças disléxicas chegam ao estágio alfabético, mas continuam enfrentando dificuldades na realização da análise fonológica, o que resulta, na escrita, em erros por troca e omissão de letras com maior frequência do que se observa em outras crianças, bem como em dificuldades acentuadas no domínio das regras hierárquicas, que requerem análises fonológicas mais complexas.

3.2.2 Questões Práticas sobre as Dificuldades de Aprendizagem da Leitura da escrita

No diagnóstico das dificuldades de aprendizagem de leitura e escrita, a identificação da dislexia depende da demonstração de que existe uma defasagem entre o desempenho esperado de uma criança em leitura e escrita a partir de seu nível intelectual e o desempenho efetivamente observado.

Implicações para a renovação da prática psicopedagógica – Se as diferenças entre as crianças disléxicas e as outras crianças forem, de fato, quantitativas, a prevenção e o tratamento das dificuldades de aprendizagem da leitura não exigem medidas excepcionais. Qualquer medida educativa que beneficie as crianças com menor dificuldade na realização da análise fonológica das palavras e das sílabas também beneficiará as crianças com maior dificuldade.

Um dos agentes impulsionadores do progresso ou do fracasso na alfabetização é a seletividade social do sistema educacional. As crianças das camadas populares que vêm à escola com menor conhecimento da norma padrão e com menos oportunidades anteriores de se envolverem em diversos usos da leitura e escrita, não encontram na escola atividades que lhes possam proporcionar esse conhecimento. Em consequência, fracassam em proporções muito maiores na alfabetização do que aquelas crianças que já dominam um dialeto mais próximo da norma padrão e já tiveram oportunidades de encontrar a leitura e a escrita significativamente. No entanto, esse desconhecimento de alguns aspectos da língua não pode, de forma alguma, ser interpretado como uma dificuldade de aprendizagem.

O conceito de dislexia relaciona-se a diferenças individuais independentes da escassez de oportunidades de aprendizagem, e não a diferenças no nível de conhecimento da língua que grupos socioculturais distintos possam mostrar ao iniciar o processo de alfabetização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura é um processo pelo qual se compreende a linguagem escrita, sendo o leitor um sujeito ativo que interage com o texto. Ela é uma ferramenta indispensável para a vida em uma sociedade letrada como a nossa. Por isso é necessário que a sua aprendizagem aconteça da melhor maneira possível, levando-se em consideração as diferenças de cada criança e a capacidade que cada uma delas tem para aprender.

Sabe-se que o hábito da leitura deve ser cultivado antes mesmo da escolarização, e a família tem um papel fundamental nesse processo, o de proporcionar que a criança vivencie diversas situações de leitura para que ela adquira prazer pelo ato de ler. Porém, é responsabilidade da escola o ensino formal da leitura da escrita.

O aprimoramento da competência leitora das crianças deve ser preocupação permanente dos professores que, por sua vez, precisam ser bons leitores para servirem de exemplo aos seus alunos. O professor precisa também estar atento ao desenvolvimento da leitura das crianças para que consiga detectar possíveis dificuldades e empregar os recursos e práticas necessários para a superação desses obstáculos.

Para aprender a ler a criança precisa aprender a decodificar, mas não é só isso, ela deve aprender também a fazer uso desses conhecimentos na sua vida cotidiana. Para que o aluno se perceba inserido no mundo letrado e passe, com o fluir do tempo, de simples decodificadores a bons leitores. As crianças, durante a aprendizagem da leitura, precisam reconhecer o valor social dessa prática para que se sintam motivadas a aprender e a desenvolver cada vez mais sua habilidade de leitura da escrita.

Os objetivos deste trabalho foram atingidos, pois refletiu-se sobre o processo de aprendizagem da leitura da escrita no começo do ensino fundamental. Vê-se que a leitura é uma das bases da educação escolar e é essencial a sua aprendizagem já no início da escolarização a fim de que a criança tenha o suporte necessário para progredir nos anos seguintes. Vê-se também que a aprendizagem da leitura da escrita é um processo cheio de regras; ela não acontece de uma hora para outra. Para ler, a criança utiliza algumas estratégias. Ela pode fazer uso da

memória, recorrendo às representações de palavras armazenadas na sua mente para o reconhecimento de uma palavra na leitura. Ela pode também relacionar as letras escritas com os fonemas; assim conseguirá oralizar a escrita. Relacionar as letras e os fonemas permite a leitura de palavras desconhecidas ou pouco familiares, para as quais não está disponível uma representação ortográfica na memória. O uso de estratégias de leitura auxilia a criança durante o processo de aprendizagem da leitura da escrita.

Apresentam-se pesquisas relacionadas à aprendizagem da leitura no começo dos anos iniciais do ensino fundamental. Foram selecionados cinco artigos que tratam do tema. De uma maneira geral, eles tratam de como o ensino da leitura é praticado nas escolas; do uso de estratégias de leitura e a sua validade; dos hábitos e comportamentos em relação à leitura de professores das séries iniciais e às suas práticas de leitura em sala de aula; de uma avaliação da leitura em voz alta e da escrita, por crianças de 2ª série, de palavras e do conhecimento dos professores de 1ª a 4ª série em relação ao distúrbio de leitura e escrita.

Discutiu-se, mais uma complementação, sobre as dificuldades das crianças no processo de aprendizagem da leitura da escrita. As crianças não são todas iguais, não se pode exigir que aprendam a ler todas do mesmo jeito e na mesma hora. Algumas exigem uma atenção especial por parte do professor, que precisa direcionar sua prática pedagógica no sentido de proporcionar que todos os seus alunos aprendam a leitura da escrita. E isso não é muito fácil, visto que o professor sozinho precisa dar conta de ensinar muitos alunos de uma só vez. Porém é um esforço que precisa ser feito e a escola precisa dar o apoio necessário ao professor e aos alunos, como disponibilizar material didático adequado para que os alunos desenvolvam a leitura da escrita, formação continuada na área da leitura para os professores dos anos iniciais, acompanhamento especializado, quando necessário, para o aluno, etc. É preciso ficar atento às dificuldades apresentadas pelas crianças, decorrentes possivelmente, de uma falha que também pode ser da escola ou da metodologia de ensino.

No começo do ensino fundamental, as crianças se veem diante do desafio de aprender a ler de um jeito que antes não era necessário que soubessem, a leitura da escrita. Então começam a surgir dúvidas e dificuldades que precisam ser investigadas e solucionadas para que a aprendizagem realmente aconteça. No problema de pesquisa deste trabalho foi levantada a questão: Como acontece o

processo de aprendizagem da leitura da escrita pelas crianças? Percebe-se que cada criança tem o seu tempo para aprender; elas precisam internalizar as regras da leitura da escrita e relacionar o conhecimento que já tinham com o novo, para assim construir um novo conhecimento. Na aprendizagem da leitura formal, a criança passa por etapas ou estágios, e, na evolução de uma etapa para a outra, as estratégias e conhecimentos adquiridos anteriormente ainda podem ser usados num estágio posterior, pois não existe necessariamente incoerência entre o que foi aprendido antes e o que vem depois.

Este trabalho foi muito significativo para a formação profissional da pesquisadora, pois possibilitou-lhe um maior conhecimento sobre a aprendizagem da leitura no início da escolarização, para que quando ela estiver diante de uma turma de alfabetização ela saiba identificar nos alunos possíveis dificuldades de leitura e tentar ajuda-los a supera-las sem culpabilizar o aluno ou sua família, mas através de modificações na prática pedagógica.

O desenvolvimento deste trabalho não foi muito fácil, pois não há muitas referências que tratam exatamente da aprendizagem da leitura no começo dos anos iniciais do ensino fundamental. A maioria delas trata da leitura com foco na compreensão e interpretação dos textos lidos, não da aprendizagem propriamente dita, ou seja, como a criança processa essa aprendizagem, que estratégias ela utiliza para aprender a ler, quais as possíveis dificuldades encontradas por elas nesse processo, etc. No curso de Pedagogia a pesquisadora não teve um estudo mais aprofundado sobre aprendizagem da leitura, ela acredita que, isso aconteceu devido ao pouco tempo destinado a essa temática. Não obstante existir a disciplina de Alfabetização, o curso não forneceu todos os conhecimentos necessários ao professor alfabetizador, pois a disciplina teve duração de apenas um semestre.

O que a seu ver não é suficiente diante da importância que a aprendizagem da leitura tem, principalmente para as pedagogas que irão trabalhar diretamente com o ensino da leitura da escrita, que faz parte da alfabetização e, por sua vez é base do ensino escolar. O ideal seria que a disciplina de Alfabetização tivesse a duração de um ano para que possa focar assuntos específicos como a aprendizagem da leitura no começo dos anos iniciais do ensino fundamental.

REFERÊNCIAS

- ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **História da educação**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1996.
- BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1995.
- BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. São Paulo: Cortez, 1991.
- BARROS, Tristana Nascimento; GOMES, Erissandra. O perfil dos professores leitores das séries iniciais e a prática de leitura em sala de aula. **Revista CEFAC**, São Paulo, v. 10, n. 3, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-18462008000300008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 23 jul. 2009.
- CARRASCO, Lucia Helena Marques. Leitura e escrita na matemática. In: NEVES, Lara Conceição Bittencourt et al. (Org.). **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas**. 8. ed. Porto Alegre: UFRG, 2007. p. 192-204.
- FERNANDES, Graciela Barbosa; CRENITTE, Patrícia de Abreu Pinheiro. O conhecimento de professores de 1ª a 4ª série quanto aos distúrbios da leitura e escrita. **Revista CEFAC**, São Paulo, v. 10, n. 2, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S15168462008000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 23 jul. 2009.
- FERREIRA, Sandra Patrícia Ataíde; DIAS, Maria da Graça Bompastor Borges. A escola e o ensino da leitura. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 7, n. 1, jun. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722002000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 23 jul. 2009.
- FREIRE, Paulo. **A Importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 15. ed. São Paulo: Cortez, 1986.
- GARDNER, Howard. **Inteligências múltiplas: a teoria na prática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- JOLY, Maria Cristina Rodrigues Azevedo. Escala de estratégias de leitura para etapa inicial do ensino fundamental. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 23, n. 3, p. 271-278, set. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2006000300006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 23 jul. 2009.
- KATO, Mary A. Como a criança aprende a ler: uma questão platoniana. In: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Teodoro da, (Org.). **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. São Paulo: Ática, 1995. p. 32.
- MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

NUNES, Terezinha; BUARQUE, Lair; BRYANT, Peter. **Dificuldades na aprendizagem da leitura:** teoria e prática. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1992.

SALLES, Jerusa Fumagalli de; PARENTE, Maria Alice de Mattos Pimenta. Avaliação da leitura e escrita de palavras em crianças de 2ª série: abordagem neuropsicológica cognitiva. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 220-228, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722007000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 23 jul. 2009.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O Ato de ler:** fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, Maria Alice S. Souza e. **Construindo a leitura e a escrita:** reflexões sobre uma prática alternativa em alfabetização. 4. ed. São Paulo: Ática, 1994.

SOARES, Magda Becker. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. In: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da (Org.). **LEITURA:** perspectivas interdisciplinares. São Paulo: Ática, 1995. p. 21.

TERZI, Silvia Bueno. **A Construção da leitura.** 3. ed. Campinas: Pontes, 2002.